

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



Já quasi que sabeis, minhas leitoras, do que vos occuparei hoje.

Por certo, depois do que vos disse no ultimo numero do *Jornal das Senhoras*; e, além disso, pela aurora do dia de amanhã, domingo de entrudo, que naturalmente vos ha de mostrar o seu bello rosto mascarado (a julgar pelos annos posteriores) como para vos excitar ao Carnaval; por certo, como disse, não vos será difficil atinar que eu vou occupar-vos de *toilettes* proprios para a quadra em que estamos.

Antes de tudo vos pedirei desculpa de só tão tarde poder-vos apresentar a verdadeira estampa de vestuarios à *riqueur* destinados para esses dias. Sei que ella já não vos servirá de modelo; mas tenho a consolação que ao menos vos servirá de *espelho*.

Podeis modificar por ella alguma cousa de vossos *toilettes* que não estiver rigorosamente à moda: e bem contente estou disso, porque de alguma sorte no numero passado, além da grande estampa, vos dei algumas instrucções da moda a respeito.

Demais, são tão *ligeiros* e facéis os *toilettes* de fantasia, que no ultimo dia do Carnaval podeis ir trajadas como os figurinos de nosso jornal ao derradeiro *baile masqué* do Provisorio, que deve ser excellente.

A proposito de *baile masqué*: hontem estava

entretida a ver umas fazendas para mandar fazer o meu *toilette* de domingo, quando um moço meu conhecido fez-me abandonar a minha occupaçaõ para me contar uma historia, dizia elle, muito interessante, passada ha dias no salão do Provisorio.

Depois de fazer uma dissertação longuissima sobre a bondade e as inconveniencias dos bailes mascarados, onde citava, em logar competente, a morte de Gustavo III, que fôra assassinado por um mascara, contou-me uma especie de romance, que, aqui entre nós, vos digo que não acreditei, porque só elle foi que soube do tal facto.

Disse-me que n'uma dessas noites de baile no Provisorio, ás dez horas entrou um mascara, que trajava um *costume* que não se podia denominar, porque não havia delle typo conhecido; mas que era sombrio, triste e severo.

Esse mascara, depois de passar duas horas mettido por entre a multidão, mais como quem para lá tivesse ido procurar alguém, do que se divertir, á meia noite em ponto, no fundo do salão, esbarrou defronte de um *dominó* negro, de braços cruzados, mudo, n'uma dessas posições de estatuas funebres collocadas sobre as lousas dos tumulos.

O *dominó* estremeceu; mas pouco depois ficou immovel e parado.

O mascarar voltou as costas, e o *dominó* acompanhou-o.

Pelo pé pequeno, pela graciosidade do andar, pela aristocracia dos movimentos, e pelo espirito que até então tinha mostrado na conversa com aquelles á quem intrigava, o *dominó* revelava que debaixo daquelles folhos de setim preto se occultava uma mulher de distincção.

O mascarar, quando sentiu-se acompanhado, tirou um vidrinho do bolso, e lançou uma gotta do liquido verde, que ali se continha, no peito de seu vestuario.

De repente o *dominó* desviou-se; mas não fallou mais, e sentou-se pensativo e triste.

Quando dançava-se o *Galope infernal*, ao terminar o baile, o mascarar chegou-se á elle, e disse-lhe esta palavra, n'uma voz rouca:

— Acorda!

O *dominó* soltou uma risada, e balbuciou:

— *Que sonho horrivel!...* Eu vi a sombra de meu marido — tal qual como elle se me apresentou no primeiro dia em que o vi!

Depois desta historia, minhas leitoras, só resta a descripção dos figurinos. *Ritinka.*

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE BAILE. — Penteado de bandós á *Eugénie*, ornado de uma grinalda, de *funcoias* escarlates, collocada abaixo do amarrado do cabello.

Vestido de filó e de escomilha branca; de tres saias. A primeira saia é de escomilha, a segunda e a terceira, de baixo, de filó. Todas tres são guarnecidas de uma fita larga escoceza.

Corpo decotado, de bico adiante e atraz. —

Berthe de escomilha, guarnecida da mesma fita: mangas fofas, enfeitadas com dous laços de fita cor de rosa.

VESTUARIO DE BAILE MASCARADO. — *Bergère Watteau*, para uma menina de 14 a 15 annos.

Uma saia de seda de listras.

Uma segunda saia de seda amarella, toda enfeitada de laços de fita, regaçada de espaço em espaço com uma grinalda de cores vivas lhe formando a guarnição.

Corpo afogado, aberto, com peitilho recoberto de flores, e uma fita encrespada guarnecendo a abertura do corpo.

Cabello com polvilho, enfeitada com uma meia grinalda posta de um lado, e um laço de fita de diversas cores com muitas pontas cãhidas.

A criancinha está vestida com um vestuario de uma senhora fidalga do tempo de Carlos VI, rei de França.

O CARNAVAL.

Loucura! Loucura! exclamão os velhos. E esta exclamação é abafada pela vozeria entusiastica da mocidade, que hrada alegre — Prazer! dançal mascarar! Provisorio!

E qual é a materia em que tão manifesta discordancia se pronuncia entre as duas metades de um seculo? Por que motivo a velhice e a mocidade tão fortemente se contrarião?

O Carnaval, o Carnaval é a causa, a unica, a importante causa dessa luta, que por tres dias faz o delirio do prazer erguer seu throno sobre a razão, a animação substituir o indifferentismo, e até o mysterio merecer acceitação e ser applaudido — quando as luzes do seculo querem tudo claro e patente!

Como é bella a vida de tres dias em que podemos passar desapercibidos por entre a multidão que nos rodeia, não obstante o gazoso aperfeiçoamento das illuminações publicas e particulares!

Amaveis leitoras, sabeis que estamos nessa época de delirio, de animação, de prazer e de disfarces, mas disfarces de genero diverso daquelle que conhecemos, e que tão bellamente praticamos quando com uma resposta de espirito derrotamos o mais forte esquadra de expressões sentimentaes, que nos salões fazem cargas audazes sobre o baluarte do coração, onde tre-

mula, ao sopro da imaginação poetica da mulher, a bandeira branca da ventura, deixando distinguir, escripta com as rosas do pudor, a lenda — *Amor*.

Esse baluarte é sempre dominado por um pensamento mysterioso, á quem a lenda se consagra. Pois o disfarce de que vos fallo é esse que occulta o baluarte para deixar liberdade á esse pensamento, que só assim se desprende, sem receio, de suas muralhas de alabastro, para ir arvorar o estandarte da victoria em uma imaginação que vagueia perdida e que se deseja dirigir, para ir assaltar um coração, não meigo, mas forte; um pensamento, não de candura e de innocencia, mas de poesia ardente e de amor.

As armas das mil lutas que se travão são as intrigas de espirito, os jogos da imaginação, e os apuros da razão.

E, enquanto a juventude se ergue toda do mundo material para o do idealismo e do bello, os velhos pasmão, boqui-abertos, para a solidão em que são abandonados, e nem ousão ensaiar um voo para ir-lhe apoz! Coitados! Triste cousa é ser velho — ou moço tolo!

Quereis saber, leitoras, o que fazem os velhos emperrados então? Agrupão-se; e ao assoviado som das pitadas que fazem orchestra com o rouco assoar dos compridos narizes, commemorão o

bom tempo da sua mocidade em que se atiravão laranjas e fructas verdes sobre quem se aproximava, e baldes d'agua sobre quem passava.

Esse é que foi bom divertimento, dizem elles, — em que de uma janella para a outra se quebrava uma vidraça, se vasava um olho, ou, correndo-se por uma escada, se quebrava um braço ou uma perna, e tudo passava por brinquedo. Mas agora, depois que a tal Civilisação se tem intrometido em tudo, estamos privados de tudo isso; e, se algum de nós tal fizesse, não tardaria o chefe de policia em perseguir-nos para dar uma satisfação á tal *senhora*: mas tolera ella os mascararas, os disfarces e todas as suas inconveniencias!

Se nós fossemos autoridade lhes responderia-mos: — Senhores velhos, já está passado o seculo dos calções e das fivelas; já vai-longo de nós o tempo da ignorancia da mulher, que a deixava em risco de precipitar-se nos abyssos da seducção bruta. Hoje o bello social está dependente da illustração do bello sexo; e a immoralidade só impera sobre as classes ignorantes: mas a instruida e civilisada vive pelo espirito e pela imaginação, pelos affectos e pelo sentimentalismo. São estes os progressos do seculo; é este o estado do mundo; e, se elle vos não agrada assim, deixai-o; ide-vos para o outro, que nós iremos ajoelhar-nos sobre a vossa cova, pedir a Deus que vos perdoe o erro que commetteste, e voltaremos logo a tomar um *dominó* para termos as regalias do incognito que o bom gosto nos concede em um baile de Carnaval.

E os velhos que não querem deixar o mundo, não obstante lhes merecer tanta censura, se resignarão, por amor da vida, a ajudar-nos, a preparar os cartuxos de confeitos, os ramos de flores, os sapatos, os vestidos de costumes variados; e finalmente se embrulharão em algum

dominó, e irão acompanhar-nos á esse outro grande mundo, que por encanto se resume no salão do theatro Provisorio.

Em verdade, leitoras, os velhos não têm razão; porque, assim como as innovações gazosas, vaporosas, ferruginosas e electricas são trazidas da Europa e tão bem recebidas na nossa terra, não vemos razão para regeitar-se a metamorphose de um theatro em sala de baile, e a de uma cara e uma casaca ou vestido por uma mascara e um *dominó*.

O poeta Ovidio viveu na Italia; escreveu as suas metamorphoses; e cremos que por isso forão os Italianos os primeiros que se lembrãrão deste modo de divertimento, applicando ao prazer os instrumentos da malvezada-dos Borgias.

Hoje toda a Italia está mascarada, e passeia pelas ruas das cidades a primeira nobreza em ricas carruagens, atirando flores e doces á quem encontra.

Façamos nós o mesmo: passemos pelas ruas; vamos aos bailes; escondamo-nos no meio da multidão que nos não conhecerá; procuremos ahi encontrar algum *dominó*, e conhecel-o pela côr, pelas fitas, pelo arminho que o guardarrecer, ou por algum anel em que encontremos uma firma conhecida; occupemo-nos na intriga de espirito; ponhamos em contribuição mil pensamentos, e a imaginação ardente do mundo elegante dos nossos salões.

E, quando estiver passada essa existencia de tres dias, desçamos de novo ao mundo dos velhos, e ahi roguemos á Deus que nos conserve a vida enquanto houver um Carnaval em cada anno, como o tem feito alguns velhos amantes do bello, á quem o Senhor tem feito a graça de conservar a existencia, que elles tanto aprecião no incognito de um bonito *costume*.

Alina.

UM AMOR DE MULHER.

ROMANCE.

(Continuado do n.º 8.)

SEGUNDA CARTA.

« Como não pude descer a serra, continuo a escrever-te.

« Ahi vai a continuação da noite de folia em casa de D. Cecilia.

« Seguiu-se o que costuma haver quando se acaba de dançar uma quadrilha: Fernando porém, que não tinha moça alguma pelo braço á quem devesse offerecer uma cadeira, foi-se safando para o jardim, e ahi sentou-se debaixo de um caramanchão de jasmineiros a fumar, escrevendo n'uma folha de sua carteira — talvez alguma poesia inspirada por Lucila, pois era desse modo que elle as fazia.

« Não ha nada que estranhar nisso: a brisa,

que adormeceu no calix das violetas e das rosas, e que, desprendida de lá, vem soprar os cabelos e a fronte pensativa do poeta, traz consigo perfumes que entontecem a imaginação, onde, atravez das sombras de um sonho, apparece luminosa a imagem da mulher que se ama; anjo de inspiração que traz a lampada da poesia n'uns olhos negros ou azues, ou n'uns olhos pardos e doces como os olhos de Lucila. — *Love thoughts lie rich when opposed with bowers*: — já o tinha dito Shakspeare.

« Quando acabou de escrever, os traços de um plano risinho imprimirãr-se em sua physionomia placida e tranquilla.

« Elle estava entretido em fazer desbotar com a fumaça de seu charuto as petalas de um jasmim,

ao passo que sua mente formava um systema de pôr á prova o amor de Lucila, quando foi sorprendido por sua irmã que vinha com ella e Julia chamal-o para jogar a *Palavra Ewolta*, onde já o esperavão na sala para fazer parte do jogo.

« Depois de Constança perguntar-lhe o que estava fazendo, e de chamal-o de maluco por sahir de uma roda de moças, para vir metter-se entre as folhas de um jasmineiro, elle olhou para Lucila e viu-a tão tristezinha que quasi poz todo o seu plano a perder.

« Elle pretendia fingir-se alegre e satisfeito, porque assim exprimiria mais fortemente um esquecimento natural dessa pobre menina que o adorava como uma santa adora á Deus; uma indifferença a seu despreso fingido, que desse modo não pareceria forçada; uma tranquillidade enfim e uma satisfação que não sendo exagerada denotasse a ausencia de todo aquelle amor zeloso e fervente que elle lhe tinha consagrado.

« Era um fingimento muito difficil para quem amava tanto como elle: mas Fernando tinha preferido isso a excitar os ciúmes de Lucila, fazendo a côrte á outra qualquer moça.

« Elle era da minha opinião e da tua — que o ciúme só augmenta os amores banaes, que têm por alimento a vaidade; ao passo que destrõe o amor verdadeiro e santo, porque excita a desconfiança e offende o orgulho bem entendido da mulher ou do homem, pois que render homenagens á uma moça, ou acceital-as de alguém, diante daquella ou daquella á quem se quer mostrar despreso, é como que um insulto ou uma desfeita que poderá ser perdoada, mas nunca esquecida: *ha dores que sangrão sempre, ha feridas que nunca se fechão.*

« O amor é o sentimento mais egoista, e por consequencia o menos generoso quando é offendido. — São ainda umas palavras que não sei onde li, e que fundamentão a opinião de Fernando.

« Pensando assim, elle antes quiz não mostrar preferencia por Lucila, tratal-a alegremente como se nada tivesse havido, á namorar diante della alguma outra moça dessa reunião; além de que elle pouco geito tinha para destructavel — para ser *Leão*.

« Tendo adoptado este plano, elle ia-se trahindo, como dissemos, quando viu Lucila triste: mas de repente, reconhecendo a necessidade que ainda tinha de convencer-se profundamente que ella ainda o amava como d'antes, deteve o *laissez-aller* de sua paixão, e começou a pôr em pratica o meio que tinha projectado.

— D. Lucila, disse elle, porque está tão triste hoje?

— E' porque o senhor está muito alegre, respondendo ella corando.

— Muito obrigado; a senhora entristeceu por me ver feliz! não pensei que me queria tanto mal.

— O senhor bem me comprehende, não é preciso que eu lhe explique o sentido de mihas palavras.

— Pois creia que não comprehendi, e nem posso atinar com o que a senhora quiz dizer, a não ser a traducção litteral de suas expressões;

se teve algum pensamento occulto, não pude descobri-lo.

« Essa resposta de Fernando fez com que Lucila reconhecesse que estava trahindo o seu fingimento, já advertida disso pelo olhar expressivo de Constança, que estava occupada com Julia a eucher os seus lencinhos de jasmims.

« Para a prima do estudante as palavras de Lucila forão-lhe como uma punhalada que penetrou-lhe o coração já dolorido, e Deus sabe quanto ella soffreu, apezar do balsamo da resposta de seu primo. — Ella tinha raciocinado assim: Para que Lucila podesse fallar desse modo á Fernando, era mister que tivesse havido algum arrufo de namorado. — Ella bem sabia que Fernando amava Lucila, mas não pensava que elle alimentava essa paixão — em virtude de dever casar-se com ella. — Coitadinha, já se tinha esquecido da desistencia que tinha feito, e ainda se julgava com o direito de exigir de seu primo o cumprimento de sua palavra de honra na hora da despedida, e da promessa que elle havia feito a seu pai moribundo.

« Desde aquella tarde em que passou-se a scena do quarto do estudante, ella o tinha tratado seccamente — como quem mostra resentimento. Fernando por seu lado, reconhecendo que ella tinha razão, e além disso acreditando que ella lhe tinha dito a verdade quando disse que desistia de coração do seu casamento com elle, pensava que não lhe ficava bem convérsar com ella a esse respeito; e nesse ponto de reserva de parte a parte tinham ficado os dous primos até o momento em que nos achamos.

« Apezar dos conselhos de sua tia e de Constança, ella tinha continuado a alimentar em seu coração o amor que devotava á Fernando desde menina; e depois que o estudante deixou de procurar encontrar-se com Lucila, em virtude do que já sabes, ella quasi que acreditou que seu primo se tinha esquecido de sua rival, e que talvez começara a amal-a. O que a fazia ainda mais crer nisso era que elle surpreendeu-o muitas vezes a contemplal-a tristemente e com doçura; mas terás adivinhado já que isso era compaixão, e não amor, que era o remorso que entristecia Fernando quando a contemplava.

« Foi por ter essas idéas que as palavras de Lucila lhe magoárão tanto, porque a fizerão crer de repente que o que ella julgava esquecimento ou abandono era apenas um arrufo.

« Desculpa-me esta digressão que não obstante era necessaria para comprehenderes a situação das cousas; vou reatar o fio da conversação entcetada entre os dous arrufados.

« Tocava á Lucila fallar; e, como te disse, tendo ella reconhecido que se ia trahindo, deu esta resposta ao estudante para rehabilitar-se:

— O senhor não admite um gracejo? Dizer que estava triste porque o senhor estava alegre, é nem mais nem menos do que um *tour d'esprit* tão admissivel nos labios de uma moça para com um rapaz conhecido.

— Nem eu censurei-a por isso; pelo contrario dei a entender que tinha comprehendido a espi-rituosidade da sua resposta.

« Esta escapula tão bem feita de Lucila tinha

affligido um pouco o estudante; mas elle logo percebeu que era um sophisma, porque ella se trahia a cada passo.

— Vamos para a sala, que estão nos esperando para jogar a *palavra envolta*, disse Constança.

— Mas que jogo é esse que eu não sei? perguntou Fernando acompanhando as moças.

« Constança ia explical-o, mas só pôde dizer que era um jogo francez que os Francezes chamavão *le mot envelopé*; porque Lucila interrompeu-a dizendo a Fernando:

— Se quizer, eu lhe explico.

— Mas ha de ser com uma condição, disse elle, que minha mestra não me ha de dar bolos, se eu for um discipulo estúpido que não comprehenda a lição na primeira explicação.

« Lucila cada vez se incommodava mais com a alegria de Fernando: ella nunca o tinha visto assim, e, como ha muito tempo não o via, julgava que essa ausencia o tinha feito despresal-a.—Ella tirava esta conclusão deste pensamento que ia tomando raizes em sua razão; se, mostrando que não o amava mais, elle não entristecia nem se affligia mais, como no baile do casamento de Cecilia, era porque elle já não se importava com o seu desprezo, e isso exprimia que elle já não a amava.

« O ciúme é como o clarão do sol: dá tanta luz aos olhos, que faz ver mais do que existe;—quando depois de fital-o se desvia os olhos— vê-se nodoads negras lá onde não as ha.—Foi por isso que Lucila, nem por estar exercendo um fingimento, não descobriu que Fernando tambem fingia. Ella comsigo queixou-se nesse momento de Constança, — accusou-a de traição — e arrempeu-se de ter accedido o conselho de fingir, á que ella attribuia o despreso do seu adorado Fernando. Só tendo fé em que, cessada a causa, cessaria o effeito, deliberou quebrar todo o fin-

gimento, — e mostrar claramente, embora aos olhos de todos, comtanto que Fernando o visse, o seu amor sempre immenso e constante, só differente em ser mais vehemente, porque estava atormentado.

« Foi com essa resolução que ella começou a explicar o jogo ao estudante.

— *A palavra envolta*, principiou ella, joga-se assim: — Uma das pessoas da roda se aparta della, enquanto cada uma das outras escolhe uma palavra, qualquer que ella seja, e a declara em roda, em voz baixa ou por-escrito, de modo emfim que a *pessoa do canto* não possa ouvir-a. Feito isso, chama-se o *encantozado* para o meio da roda; o seu fim é decifrar as palavras escolhidas, e o meio de que se usa é fazer uma pergunta qualquer a cada uma das pessoas, as quaes devem envolver, nas respostas que têm de dar, a palavra tomada. — Por exemplo: o senhor é quem deve decifrar, e eu sou uma das pessoas que escolherão. A minha *palavra* é — album. *Faça-me o senhor uma pergunta qualquer.*

— Seja a mesma que lhe fiz ha pouco, disse Fernando: — Porque está tão triste hoje?

— Attenda bem agora, disse ella, como eu vou envolver na resposta a palavra que tomei: — Porque ha bem pouco tempo um moço deu-me um album onde eu lia tanto amor que elle me dava: — meus olhos lêem sempre essas poesias: — e eu sei-as de cór; mas a pena que as-escreveu, quebrou-se, e o coração que dictou-as esqueceu-se dellas. E' lembrando-mê disso que estou hoje tão triste.

« Tinhaõ chegado á porta da sala.

« Lucila calou-se, enxugou uma lagrima, e entrãrão todos na sala.

« Como terminou esse dia eu mesmo te irei dizer.

« Adeos.

Teu L... »
(*Continua.*)

A DESDITOSA.

ROMANCE.

(Continuado do n.º 8.)

V.

OS COÑIVAS.

Erão seis horas e meia, e a numerosa companhia ainda se não tinha levantado da grande mesa de jantar: numerosos *vivas* soavão de momento a momento. Era mais uma sêde de vinho que se manifestava, do que vontade de comer.

Quando todos estavam muito entretidos nas saudes, D. Ignez, pretextando um leve incommodo, sahiu da mesa, provocando com um olhar significativo a seu esposo á *ama* explicação.

Elle ergueu-se, e seguiu á D. Ignez, que, logo

que entrãrão no primeiro quarto que havia na sala, lhe perguntou o que vamos saber.

— Sr. Amancio, faça-me o favor de dizer se foi certa a morte do Dr. Borges?

— Supponho que sim, porque sua familia está de luto; mas a que vem esta pergunta?

— Por uma causa bem simples.

— Mas emfim dizei-a.

— É porque a familia desse moço suspendeu o luto, e ainda não faz um mez que elle fallecera.

— E' para veres o caso que delle fazião.

— Como dizeis isto com tanto sangue frio!... Não será uma causa tão feia um homem na vossa posição mentir?

Amancio empallideceu.

— Na verdade, diz elle, que fazeis perguntas bem extraordinarias. Quem foi este homem que, estando na minha posição, mentiu?

— Vós, senhor.

— Eu!

— Sim, senhor, e não vos envergonhais?

— Senhora, vós me calunniais!

— Pois bem, tende paciência: vou narrar-vos uma breve historia.

— Terminai com isto. Prefiro antes as perguntas que os apologos.

— Já que assim quereis.... Dir-me-heis quem será o homem rico, que interceitou a correspondencia de duas almas que se prezavão, e que falsificou letras, dando noticias falsas; que fez passar por morto a um homem que vive, que se chama o Dr. Borges, e que chegou á esta ilha no vapor *Tejo*? Não será tudo isto tão infame e tão indigno de um homem honrado? Não será das intrigas a mais abjecta abusar da credulidade da mulher sem experiencia?

— Nem mais uma palavra, senhora: este homem sou eu. Calquei e calcaria aos pés todas as leis divinas e humanas para vos possuir....

— Não achais tão ridiculo fazer de vossa esposa uma perjura? Não temeis que ella, insinuada por vós, quebre o juramento dado aos pés do altar, da mesma maneira que vós quebrastes o juramento dado perante o Deus Supremo?

— Sois muito honrada, e conheço-vos bastante para não temer que prosterne-se o vosso dever.

— E quem vol-o affiança que eu não o faça?

— A vossa honra, a vossa candura, as vossas virtudes.

— Pois bem, senhor, já que nada vos intimida, quero fazer....

— O que?... Dizei... dizei!

— Uma simples concordata. Já não posso pertercer á nenhum de vós. Fizestes-me perjurar; e fizestes-me instrumento de vossa paixão. Não posso mais ser esposa do Dr. Borges, sem que ou seja criminoso, ou grave na minha frente o ferrete da infamia. Não posso ser vossa, porque jámais poderia viver em companhia de um homem que foi destemido falsificador, traçoceiro e capaz de acções vis....

— E' de mais, senhora! não prosigais!

— Portanto desejo retirar-me para um convento como pensionista.

— Impossivel, senhora, impossivel; em tal não penseis.

— Assim devem passar-se as cousas, para que não percais vossa reputação, proseguiu D. Ignez. Quanto á minha ausencia, direis que motivos de enfermidade nos prohibem de vivermos juntos, por assim ter decidido uma junta medica. Regressarei, passados alguns mezes, para vossa companhia, e depois ausentar-me-hei então de uma vez. Neste caso não haverá quem vá depor contra minha honra, nem contra a vossa. Sois homem; e, assim como tivestes coragem para encetar a vereda do mal, tende-a agora para vencerdes essa paixão, que já devia ter passado.

— Senhora, descançai, que não consinto por maneira alguma que vos vades encerrar em um convento, tão joven, tão bella, tão cheia de vida e de encantos: continuareis a viver em nossa casa, porque eu assim o quero e o hei determinado.

— Senhor, então declaro-vos mais: é-me impossivel supportar a vossa presença: uma repugnancia secreta me impelle para longe de vós.

— Tudo soffrerei, menos a vossa ausencia; vivireis muda como uma estatua, e vos contemplarei; regeitareis meus carinhos, mas eu duplicarei de atenções, de galanterias, e procurarei emfim vencer a vossa repugnancia.

— Meu Deus! que supplicio terrivel!

— Senhora, lembrai-vos que a nossa casa está cheia de visitas, e que é preciso que appareçamos alegres.

— Farei o possivel; mas meu coração se acha despedaçado de dor!...

— Fallaremos com mais vagar sobre este melindroso assumpto, senhora; por enquanto vamos á sala.

Um raio de alegria passou pela frente da desventurada Ignez ao ouvir estas palavras. Entretanto que seu esposo não fazia mais com isto do que dar-lhe elasticidade á esperanza, para mais logo substituiu-a talvez pelo desespero.

— Affiança-te, minha prezada Ignez, que não ficarás descontente daquelle que agora repelles.

— Obrigado, senhor, obrigado; mostrar-me-hei em todo o tempo muito reconhecida.

E, alegre e sobranceira á desgraça que lhe esvoaçava por sobre sua cabeça, sahio como uma visão angelica encamiuando-se para a sala.

Seu esposo, com vista de tigre sedento, a seguiu até que desapareceu á seus olhos; e, com o rancor e o ciume no coração, disse:

— Sim, vai, pobre innocente, disse Amancio consigo; mal sabes o trama infernal que neste momento revolvo na minha cabeça abrasada!... Assim deve ser: elle joga a espada e o florete como um mestre d'armas, e, se cahisse na asneira de desafial-o, seria sua victima: sua mão é firme, e seus botes são certos... Mas o punhal, quando a esperanza o trouxe a meu palacio, mão feroz o fará curvado implorar piedade....

Sim, Borges, tu morrerás. Mas não, uma punhalada pôde resvalar, e elle é esforçado e valente, ainda será vencedor... Não é este o meio. Ah! agora me lembro—o sacco de areia tudo terminará. Nesta feita tudo se quebrará de encontro á uma vontade de ferro: desta feita serão baldados todos os seus esforços, e inutil toda a sua agillidade! ah!... ah!... ah!... eu vencedor, e elle defunto!... Passado algum tempo de desdem, que supportarei com uma resignação angelica, como diz o padre Arsenio, serão depois atormentados meus ouvidos com o nome de assassino!... Que importa todas estas bagatellas?... possua eu seu coração, e o mais o tempo o fará!...

Com uma resolução infernal se lançou para a mesa, em que estava um campainha de prata, a cujo som vibrante acodiu o mordomo.

(Ccontinia.)

POESIA.

MINHA LYRA.

No Album da Exm. Sra. D. U. L. d'O. R.

Minha lyra não cantá qual cysnes
Que nos ares seus hymnos entoão,
Não tem preces de ardentes queixumes,
Nem suspiros que um peito povoão.

Minha lyra não tem a saudade
Que a guitarra do pobre gerára,
Não tem frases sentidas e meigas
Que uma virgem formosa inspirára.

Não tem cantos festivos de gloria,
Não tem hymnos de louco prazer,
Não tem dulcias sagradas e puras,
Nem delirios que amor faz nascer.

Minha lyra não tem a ardentia
Do poeta da grande Albiom, (*)
Nem as queixas profundas e santas
Do propheta da sacra Siom.

Não tem ella a sublime arrogancia,
Nem do Daute, do Tasso ou Camões,
Nem os magos transportes do Byron
Quando entoã ferventes canções.

(*) Milton.

Minha lyra é qual triste criança
Que mal sabe em seu leito chorar,
Não tem hymnos, nem doce harmonia;
Que um infante não pôde cantar.
Não queiras, Senhora,
Seu triste chorar.

O seu canto é mysterio insondavel,
Que não pôde o vulgar descobrir,
São divinos e puros accordes,
Que p'ra o throno de Deus vão subir.
Não queiras, Senhora,
Seus cantos ouvir.

São lembranças da patria celeste,
São queixumes de um anjo do Céu,
São qual ternas endeixas da brisa,
Quando os astros se mostrão sem véo.
Não queiras, Senhora,
Um triste hymno seu.

Só lagrima ardente de magoas doridas
Eu posso em teu Album verter incivil:
Desculpa, Senhora, se um pranto importuno
Manchou os primores do livro gentil;
Que a lyra que tanjo
É lyra infantil.

L. F. da Veiga.

MULHERES CELEBRES.

E

(Continuado do n.º 8.)

ELISA RYVES, autora; morreu em 1800. Devem-se-lhe algumas poesias em inglez, e traducções do francez.

ELISIANNA DE CRENE, sabia; nasceu na Piccardia pelo XVI seculo. Escreveu: *Das angustias dolorosas que procedem do amor*, onde pintou com arrebatadora vivacidade todos os tormentos e sensações dessa paixão; *Epistolas familiares e satyricas*; *O meu sonho*, etc. Traduziu os quatro primeiros livros da Encida, que offereceu a Francisco I, rei de França.

EMMA, ou IMMA, filha de Carlos Magno, favorecia secretamente o amor de Eginard, fidalgo allemão educado na corte do imperador. Tendo-lhe ella permitido uma entrevista, aconteceu que, emquanto estiverão reunidos, uma grande quantidade de neve cobriu o solo do jardim; e, para que não fossem reconhecidos os passos do seu amante ao sahir do aposento, o que lhe traria a morte, a princeza carregou-o sobre seus hom-

bros. Ao chegarem porém a meio caminho, encontrão Carlos Magno, que, maravilhado por tão sublime prova do mais ardente amor, apressou-se em coraal-o casando-os. Eginard não soube corresponder á uma tal paixão; maltratou-a bastante a principio, e terminou por abandonal-a!

EMMA, filha de Ricardo II, duque da Normandia, e mãe de Santo Eduardo, rei de Inglaterra. Sendo conselheira de seu filho, acarretou por isso contra si o odio do conde de Kent, que, reunido a varios fidalgos, a accusou de diversos crimes. O monarcha credulo deixou-se arrastar pelos inimigos de sua mãe, e, depois de desapossal-a de tudo quanto lhe pertencia, mandou-a que se justificasse pelos meios então em uso, isto é, que pisasse sobre chapas de ferro em brasa. A infornada rainha submetteu-se ás suas ordens, e, tendo mostrado com sangue frio e prudencia a sua inculpabilidade, obrigou o filho a desviar-se dos mãos cortezãos, sem comtudo causar-lhes damno, e a cumprir a pena dos sacrilegos.

EMMA HAMILTON; de criada de hospedaria,

que era, chegou a ser mulher do embaixador sir W. Hamilton, collaço de Jorge IV, companheira e amiga de Carolina, rainha de Napoles. Sua formosura era de uma rara perfeição; porém os dotes da alma em nada se igualavam aos do corpo: de espirito intrigante e aleivoso, foi sempre por demais desregrada no caminho da vida.

ERINA, a bella poetisa de dezenove annos. Emula de Homero, grangeou como elle a admiração dos seus contemporaneos e da posteridade, que os reúne em um só nome intitulado-os a POESIA. Escreveu um poema, cujos fragmentos encontrão-se nas collecções dos autores gregos, e varias odes.

ERNESTINA CHRISTINA, mulher do sabio philologo e orientalista Reiske, autor de um grande numero de obras. Sabendo perfeitamente o latim e o grego, ajudou seu marido na confecção de todos os trabalhos litterarios. Nasceu em Kembourg em 1755, morreu em 1798.

EPICHRIS, mulher romana de baixo nascimento, porém de um valor superior ao seu sexo e á sua condição. Convicta, na presença do barba-ro Nero, de ter tomado parte em uma conjuração contra elle; mostrou-se tão firme nos tormentos, que não foi possível fazer-lhe declarar o nome dos complices. Sendo conduzida pela segunda vez á applicação das torturas, e temendo que não fraqueasse ás dores do supplicio, ou desse algum signal de covardia, estrangulou-se com o seu cinto.

ESPINASSE (Sra. de l'). Muito teriamos por sem duvida de escrever, se procurassemos narrar a vida dessa interessante joven, morta no desabrochar de sua existencia, e já com um nome tão

querido pelos litteratos estrangeiros e nacionaes residentes em Pariz; mas, como nestas resumidas paginas não podem caber biographias completas, contentar-nos-hemos em dar a traducção do seu caracter descripto pelo critico La Harpe:

« Em sua casa juntava ella, desde as cinco horas da tarde até dez da noite, a mais escolhida e agradável sociedade; encontrava-se ahi a flor de todas as classes: fidalgos, litteratos, embaixadores, artistas consummados, e as mais nobres e illustradas senhoras da época; era um titulo de consideração o ser admittido á essas reunioes, das quaes fazia ella o principal ornamento. Posso alicançar que nunca conheci uma mulher que tivesse mais espirito natural, menos desejo de mostrar-o, e maior talento para dar valor ao que pertencia á outrem.... Sua alma, singularmente amante, chamava á si todas as pessoas que com ella tratavão, e por isso ninguém teve como a Sra. de l'Espinasse tantos amigos verdadeiros. » E no entanto, em sua vida privada, foi bastante infeliz: idolatrada por todos os seus conhecidos, principalmente pelo encyclopedico d'Alembert, e pelo presidente Henault, á nenhum tributou mais do que uma franca e terna amizade; offerecendo seu amor ao conde de Mora, cavalleiro hespanhol, este a despresou em razão de não ser ella filha legitima, e um tal desgosto cavou-lhe a sepultura, e fez desaparecer de França um dos seus brilhantes astros. Escreveu: Cartas a Guilber, e algumas poesias.

ESTHER DE BEAUVAIS, sabia conhecida no seculo XVI; escreveu em prosa e verso. Muitas das suas produções foram inseridas nas obras de Verville publicadas em 1585.

(Continúa)

CHARADA.

O amor que consagro a meu bem
E' assim; 2

Mas a ingrata que preso me tem
Ai de mim!...

Desdenhosa assim faz quando aspiro
Um agrado, um olhar, um suspiro. 1

Ah! se eu fôra pintor ou poeta,
Sua belleza tentára pintar;
Eu iria das flores mais lindas
As mais lindas das côres tomar.

Só sua boca mimosa quizera
D'outra tinta mais fina tocar,
E tomára uma parte do nacar
Cuja côr só a pôde imitar. 1

Linda qual botão de rosa
N'aurora a desabrochar,
Bella qual cecem mimosa
N'um verde prado a brilhar;
Eu a vi!...: E tal foi vel-a
Para de amôres morrer;
Foi bastante contempl-a,
Que por ella quiz viver.

Oh! E que existencia não doirava
Sua innocencia,
Sua candura!...
Que dias de prazer divo gozara
Na indolencia
E na ventura
O amanté feliz que preferido
Por ella seu fado visse embellecido!



J. P. P.

Acompanha este n.º 9 uma 2.ª Estampa de figurinos de fantasia.

Dessins de MARIUS VIAL

MARIUS VIAL

MARIUS VIAL

